

Santo Inácio de Loyola

CARTAS

*Organização e selecção:
António José Coelho, S.J.*



Editorial A. O. – Braga

Tradução: *António José Coelho, S.J.*

Adaptação
do português falado
no Brasil
(Edições *Loyola*)
para o português
falado em Portugal: *António José Coelho, S.J.*

Introdução e notas
(adaptação): *António José Coelho, S.J.*

Capa: *Virgílio Cunha*
Editorial A. O. – Braga

Paginação: *Editorial A. O. – Braga*

Impressão
e Acabamentos: *Fabigráfica – Pousa – Barcelos*

Depósito Legal nº 241634/06

ISBN 972-39-0661-9

Abril de 2006

Com todas as licenças necessárias



©
**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

L. das Teresinhas, 5 – 4714-504 BRAGA
Tel.: 253 201 220 * Fax: 253 201 221
livros@snao.pt; www.jesuitas.pt/ao

*Nos 450 anos
da morte de Santo Inácio*

INTRODUÇÃO

VALOR DO EPISTOLÁRIO

Basta conhecer um pouco a rica personalidade de Santo Inácio, e a sua múltipla e transcendental acção na história da restauração católica, para deduzir a importância que necessariamente hão-de ter documentos da índole das cartas, nas quais se vai mostrando, dia-a-dia, o mais íntimo e vital da pessoa humana, e em que se vão tratando e resolvendo os assuntos que formam a trama da vida de um homem.

Nas cartas transparece a alma com as suas reacções e anelos, descobrem-se os recursos mais íntimos da personalidade, as suas alegrias e tristezas, as suas lutas e inquietações. Por isso, nas páginas que se seguem, podemos sentir pulsar o palpitar humano de Santo Inácio, e dar-nos conta das suas reacções mais pessoais.

Mas Santo Inácio não foi, de maneira nenhuma, um ser isolado. Muito pelo contrário, foi o centro de um movimento poderoso de reforma. Giraram à sua volta personagens de toda a espécie. A sua posição destacada reflecte-se nas cartas que nos pintam, com as mais vivas cores, o ambiente da Roma do Renascimento e da restauração católica, com os seus claro-escuros tão sugestivos e os seus problemas tão complexos.

Através de pormenores e sucessos, às vezes insignificantes em si mesmos, é-nos permitido penetrar no estado social, material e moral e espiritual da família, da sociedade e, sobretudo, do clero e da Igre-

ja; descobrem-se inúmeros costumes cheios de colorido, familiarizam-nos com o ambiente da época.

Devemos, porém, ter em conta que são testemunhos de uma *época distante* da nossa. Não podemos, portanto, julgar o século XVI com a nossa mentalidade de hoje. A sociedade renascentista era bastante unitária, monárquica e dividida em classes muito diferenciadas. A nossa sociedade de hoje, moderna ou «pós-moderna», é muito mais pluralista, democrática e igualitária.

A visão panorâmica que oferece o campo epistolar inaciano, não conhece fronteiras de nações ou classes determinadas.

Só para darmos alguns exemplos, na correspondência de Inácio encontramos os maiores nomes do mundo católico do século XVI, como os Papas Paulo III que aprovou a Companhia de Jesus; Marcelo II que foi seu grande amigo e protector; Paulo IV que lhe fez dificuldades; Júlio III que renovou a aprovação da Companhia. Príncipes da Igreja, como Carlos de Guise, cardeal de Lorena; Reginaldo Polé, cardeal da Inglaterra; cardeal Henrique de Portugal. Vários bispos figuram também nas cartas de Inácio.

Nelas aparecem também os grandes deste mundo: imperadores, reis, príncipes, como Carlos, Fernando, rei dos romanos, Alberto V da Baviera, o zeloso D. João III de Portugal e todos os membros da família real de Bragança, o infante Luís de Portugal e muitos outros.

Mas a maior parte da correspondência é dirigida, evidentemente, aos membros da Companhia. A ordem gozava de um desenvolvimento rápido, que Inácio seguia dia-a-dia. Daí a troca de relatórios e instruções aos superiores, aos provinciais, aos visitantes, mas também cartas individuais enviadas aos membros, operários apostólicos, irmãos coadjutores e escolásticos e candidatos à Companhia.

Desde o começo, a Companhia organiza esta circulação de informações dos companheiros de Inácio e de Inácio aos companheiros. Todos informam e consultam o Geral. Ele responde a cada um em

particular, e reenvia a todos, num ritmo regular, um conjunto de notícias recebidas de toda a parte. Depressa nasceu também o costume de imprimir colectâneas de Cartas edificantes e curiosas.

Tinha um grande empenho em que informações precisas e troca frequente de cartas unissem fortemente os membros da Companhia entre si e cada um com o seu chefe. Por isso, o fundador da Companhia tinha um grande rigor na redacção dessas cartas. Escreve a Fabro: «A carta principal escrevo-a uma vez, mas em seguida, examinando e corrigindo, torno a escrevê-la, pois o que é escrito deve ficar mais amadurecido do que o falado».

Nelas se tratam os grandes problemas, como seja a reforma do clero ou a reorganização de uma Universidade, como se recomenda maior sobriedade em certo estilo de vida ou se tranquiliza uma alma perturbada.

Para onde vão essas cartas? Para as diferentes regiões do mundo. Para a Europa, em primeiro lugar: em Espanha, em Portugal, na Alemanha, na Flandres, na França, recebe-se o impulso de Roma. Mas elas vão também para as Índias e o Japão, vencendo fronteiras e raças.

As cartas são também uma espécie de comentário aos *Exercícios* e *Constituições*. Aqui encontramos as mesmas ideias e os mesmos princípios, como explicitaremos mais adiante.

Mas aprofunda-se sobretudo o modo próprio de pensar e reagir de Santo Inácio. E isto não só através dos assuntos das cartas, mas também (o que ajuda ainda mais a penetrar na personalidade do santo), através do mesmo modo de apresentar os problemas. O santo aparece diante de nós em contínua acção; é como que um companheiro no íntimo da sua vida ordinária, na solução dos assuntos. Basta fixarmo-nos no modo como ia resolvendo as questões, que princípios aplicava e ainda o modo concreto como se ia adaptando à realidade, de acordo com as circunstâncias.

A REDACÇÃO DAS CARTAS

Todos os dias partem cartas de Roma. Mas que atenção paciente preside à sua redacção! Temos numerosas e fidedignas informações a este respeito. Mas Inácio queria igualmente que fossem mais que efusões tumultuosas ou um aglomerado incoerente.

Além do que já dissemos atrás, podemos conferir os autógrafos de algumas cartas, rascunhos corrigidos e rasurados, que atestam o esforço de assegurar, por relações claras, o maior serviço da divina bondade e a maior utilidade do próximo: «É o meio para cada um dar prazer aos outros», diz Inácio.

CONTEÚDO DAS CARTAS

O número e diversidade dos correspondentes, com os quais é preciso tratar de assuntos, exigem que as cartas adoptem géneros bastante diferentes. Ora é uma carta pessoal, onde abundam conselhos espirituais, dados por ocasião de um luto ou provação. Outras vezes, a carta toma um tom afectuoso ou severo de admoestação. As mensagens enviadas aos grandes personagens têm por assunto pedidos de graças, propostas de serviço, agradecimentos ou recusas firmes. Nestes casos, o género das cartas é mais elevado e oficial, mas o estilo permanece essencialmente o mesmo.

Assim, não podemos buscar em Inácio a magia do verbo, o maravilhoso da imagem, nem tão pouco o andamento espontâneo que faz o encanto literário de outros autores espirituais, por exemplo Santa Teresa de Ávila. Inácio ficou sempre um estudante e a sua simplicidade pode chegar até à incorrecção.

É impossível catalogar as cartas de Santo Inácio em categorias, baseados nas várias matérias. Santo Inácio entregava-se a tudo em

todos os momentos e aproveitava todas as ocasiões que podia para semear o bem. Empenhava-se (sobretudo nas cartas aos seus irmãos jesuítas, como já dissemos) em transmitir os grandes princípios sobrenaturais que enchem a sua alma. Um dos que mais aparecem na sua pena é o da *riqueza inesgotável e infinita de Deus*, além de que se via obrigado a misturar recomendações com conselhos, a solução de um assunto com outras de consolação e ânimo. Muitas vezes, no meio de cartas de negócios, deixa cair a semente de uma consideração espiritual. A partir deste ponto de vista, todas as suas cartas, ou pelo menos a maioria, podem considerar-se cartas espirituais, se bem que não fosse próprio de Santo Inácio andar a divagar pelo campo da piedade, à procura de grandes considerações espirituais.

Ainda que as cartas não tratem de temas ascéticos, encontram-se espalhadas nelas máximas de vida interior de valor inestimável, e sobretudo faz-se nelas a aplicação a um campo determinado de algum grande princípio regulador inaciano.

É grande a riqueza que encerra o epistolário inaciano. Além de muitas outras normas e considerações espirituais, impossíveis de enumerar, podemos encontrar *exortações às principais virtudes*, de modo particular à pobreza e à obediência; recomenda-se o zelo das almas; referem-se vários aspectos da perfeição religiosa; explica-se como devem ser as relações com os superiores e a submissão aos prelados.

Seria utópico pretender reduzir a uns tantos capítulos a gama quase infinita de ideias que encerram as cartas. Mas ainda assim, deixando muitos outros aspectos, não queremos deixar de assinalar a *importância de muitas das instruções que foi dando aos seus filhos espalhados por todo o mundo*, já que não existe interpretação mais autêntica do modo de pensar do Santo nos pontos de perfeição e acção apostólica.

Algumas dessas instruções são verdadeiros tratados de governo ou de virtude. Outras são breves e concisas, mas em todas se encontram

princípios fecundos de apostolado e normas prudentíssimas de comportamento.

A AUTORIA DAS CARTAS

A correspondência inaciana é mesmo de Santo Inácio? É evidente que não se pode responder a esta questão com um simples sim ou não. A complexidade do problema não permite, de modo nenhum, uma resposta desse género.

Por outro lado, seria humanamente impossível que um só homem, com as responsabilidades que tinha Santo Inácio e dado o seu estado de saúde muito precário, atormentado por dores de estômago, provocadas pelas santas loucuras da vida penitente levada em Manresa, pudesse suportar sozinho este trabalho e escrever «materialmente» os milhares de cartas que conhecemos.

Inácio teve a ajuda de secretários, o primeiro dos quais foi o português Bartolomeu Ferrão, mas o principal foi o espanhol João Afonso de Polanco, que a partir de 1547, trabalhou durante nove anos a seu lado.

Mas isto não significa que ele tenha deixado o assunto com os secretários, sem mais. Polanco (que como dissemos foi o secretário principal) tem o cuidado de reflectir fielmente os pensamentos e as decisões de Inácio. Por isso, encontramos nas cartas frases do género: «*Nosso pai mandou dizer-vos...*»; «*Recebei esta carta como provinda do instrumento, da pena do Nosso pai que me ordenou escrever deste teor...*»

Algumas vezes, Polanco declara ter consultado Inácio, dizendo que transmite a sua decisão; outras, diferencia, em dois parágrafos, o ponto de vista daquele em cujo nome escreve (Inácio) e o seu parecer pessoal.

Os rascunhos de Polanco são revistos e corrigidos pelo Geral da Companhia e basta esta afirmação para desfazer qualquer dúvida que pudesse existir sobre o autor real do documento.

O primeiro biógrafo do santo, Pedro Ribadeneira, nos seus «*Ditos e Feitos de Santo Inácio*», confirma o cuidado que o fundador tinha neste ponto: «*No escrever cartas, especialmente a pessoas principais e de coisas de importância, era tão atento que gastava muito tempo em considerar o que escrevia, e via e revia as cartas escritas, e examinava cada palavra, riscando e emendando o que lhe parecia, e algumas vezes fazendo copiar a carta, tendo por bem empregar todo o tempo do trabalho que era preciso para isto*».

Os historiadores e hermeneutas concordam neste ponto: o secretário reflecte fielmente o pensamento e até o estilo do fundador. Nas suas palavras nota-se o profundo respeito e amor que o discípulo sente pelo seu mestre, ao qual consagra uma grande admiração. Podemos afirmar que este secretário «perfeito» conseguiu apropriar-se tão bem da maneira particular do seu mestre que se torna impossível *distinguir entre as cartas que Inácio escreveu pessoalmente e as escritas por Polanco, por ordem de Inácio*.

EDIÇÕES DAS CARTAS

As cartas de Santo Inácio gozaram, desde o princípio, de grande veneração. Em muitos colégios da Companhia, e até em famílias particulares começaram a guardar-se como cobiçadas relíquias. Mas tratava-se de cartas soltas. Tornava-se impossível reunir os muitos milhares de cartas que o Santo tinha escrito a inumeráveis destinatários espalhados por todas as partes do mundo.

Ao princípio só se puderam publicar algumas mais importantes e de mais utilidade prática, como a da perfeição ou da obediência, ou,

no máximo, intercalar umas tantas na vida do Santo ou de alguém que estivera em correspondência com ele.

Não faltaram, contudo, alguns padres que, por devoção ou amor ao Santo, começaram a reunir os originais ou cópias que encontravam. Mas nenhum conseguiu juntar quantidade apreciável e menos ainda publicar alguma coleção dessas cartas.

Contudo, alguns autores, como os padres Bartolomeu Alcázar e Telles, intercalaram um bom número delas nas histórias que publicaram; o primeiro, na Província de Toledo em 1710, e o segundo, na de Portugal em 1645. Finalmente, no ano de 1804, o P. Roque Menchaca pôde publicar, em Bolonha, a primeira coleção de 100 cartas. O jesuíta alemão, o P. Genelli, conseguiu acrescentar a essas mais 45. Um grupo espanhol, animado pelo P. de la Torre, pôde recolher e imprimir 842 até 1889.

Mas o que constituiu um verdadeiro avanço e trabalho preparatório e decisivo para a edição definitiva das cartas, foi a grande obra em 6 volumes, preparada em Madrid por vários Padres da Companhia de Jesus, cuja impressão demorou 15 anos...

A edição definitiva é formada por XII tomos da coleção *Monumenta Historica S.I.*, publicados em Madrid entre 1903 e 1911, segundo as normas críticas. Não só é a edição mais numerosa [nela aparecem cerca de 7000 cartas (!)], como também a mais segura e cuidadosa.

Este conjunto é impressionante, mesmo comparado com os homens mais célebres do seu tempo. De S. Francisco Xavier temos 137; Erasmo, cuja correspondência é preciosa sob muitos aspectos, escreveu 2.500; Calvino, 4.271. Em 1868, o francês P. Marcelo Bouix apresentou uma nova coleção de 145 cartas, traduzidas para o francês e bastantes delas desconhecidas até então.

Apesar do número impressionante de cartas que aparecem nesta edição, Santo Inácio escreveu muitas mais que desapareceram, provavelmente para sempre.

CARÁCTER DESTA EDIÇÃO

Também nós, nesta edição, temos que nos contentar necessariamente com uma selecção muito restrita das cartas do Santo.

Por outro lado, não nos limitamos às cartas de carácter puramente espiritual, mas respigámos algumas que oferecem algum aspecto interessante da personalidade de Inácio ou nos oferecem algum aspecto interessante dos seus princípios de acção. Por isso, podemos afirmar que nesta edição podemos encontrar boa parte das cartas de interesse geral.

Assim, publicamos um bom número de instruções de pontos de governo, respostas a consultas de estudos ou de formação literária, e em geral tudo aquilo que representa algum valor especial, seja pelo destinatário da carta, seja pelos acontecimentos que nela se descrevem.

Sempre que virmos ser necessário, introduziremos, em rodapé, a «apresentação» da pessoa ou pessoas às quais as cartas são escritas.

Também pode acontecer omitirmos partes de cartas que versam assuntos sem interesse para o leitor.

AS CARTAS, OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS E AS CONSTITUIÇÕES

As mesmas ideias, os mesmos princípios, as mesmas atitudes sobrenaturais se encontram nas Cartas, nos *Exercícios* e nas *Constituições*, como já dissemos antes. Mas o ponto de vista adoptado para as expor é, evidentemente, mais concreto na correspondência e permite ver melhor os aspectos que os *Exercícios* e as *Constituições*, na sua brevidade e densidade calculadas, podiam deixar perceber.

O P. Laínez, companheiro e sucessor de Inácio, dizia que ele era homem de «poucas verdades, mas muito profundas». É por isso

natural que essas verdades, sintetizadas muito concisamente no livro dos Exercícios, reapareçam continuamente na correspondência inaciana.

Santo Inácio costuma terminar as suas cartas pedindo a Deus «graça completa» ou «abundante», «para sentirmos a sua santíssima vontade e inteiramente a cumprirmos». Trata-se do objectivo fundamental dos Exercícios inacianos: conhecer existencialmente a vontade de Deus, para realizá-la em toda a nossa vida.

A um inquieto companheiro, Inácio termina desejando que a carta o encontre onde e como melhor possa «servir e louvar» a Deus. Não é outro o «fim do homem», segundo o *Princípio e fundamento* (EE. 23). Expressões semelhantes aparecem constantemente nas cartas: «Em louvor de nosso Criador e Senhor», «em serviço da sua divina Majestade», «para maior glória de Deus N. S.», etc.

Tema constante do epistolário inaciano é também a *inesgotável e infinita riqueza de Deus*, nosso Criador e Senhor. De acordo com esta riqueza, devemos servir a Deus com grande diligência, mas sem aflição, pois, diz ele, recalcando a mesma ideia, o único Senhor a quem queremos servir «é muito rico de poder e misericórdia» e «nunca nos abandonará».

Inácio não se cansa de falar de Deus, «nosso último fim», «sumo bem» e «de quem todo o bem procede». Ele é força para o abatido, saúde para o doente, sabedoria para o humilde de coração. O homem deverá acolher com docilidade a acção de Deus, para o quê precisará de entrar num processo de purificação.

O *carácter cristocêntrico* da espiritualidade inaciana, patente na 2^a, 3^a e 4^a semanas dos Exercícios, também aparece nas Cartas. Estas começam habitualmente com a fórmula: «A suma graça e amor eterno de Cristo nosso Senhor esteja sempre em nosso contínuo favor e ajuda». Jesus Cristo é o nosso Criador e Redentor, Aquele que pelo seu sangue nos conquistou a vida eterna, é Deus de toda a criação e

cabeça de toda a Companhia. Os companheiros e discípulos de Inácio devem ter diante dos olhos a Jesus Cristo nu sobre a cruz, e eleger a pobreza «por amor de Cristo pobre», mestre e verdadeiro exemplo de pobreza espiritual.

Também podemos descobrir nas cartas uma espiritualidade explicitamente trinitária. Os títulos divinos, como «Criador» e «Senhor», «sua Divina Majestade», são aplicados ora ao Pai, ora ao Verbo encarnado. A descoberta da vontade de Deus, objectivo do discernimento, é possível unicamente «pela unção do Espírito Santo», que nos guia e dirige. O tema da «discrção dos espíritos», presente na Sagrada Escritura, é explicitado e sistematizado por Inácio, a partir da sua experiência espiritual das «moções» espirituais, polarizado nos estados interiores de «consolação» e «desolação».

O mesmo, mais ou menos, poderíamos dizer no que se refere às *Constituições*, sobretudo no que diz respeito à *vocação, pobreza, castidade, obediência e oração*. Não explicitamos mais em pormenor estes pontos, para não tornar demasiado longa esta apresentação, mas ao longo das Cartas iremos fazendo várias alusões às *Constituições*, a fim de que se veja mais explícita e claramente a relação entre o texto das Cartas e as *Constituições*.

ESTRUTURA DO LIVRO

Este livro das Cartas de Santo Inácio tem *três partes*.

Na *primeira*, incluímos as Cartas redigidas entre 1524 a 1541, que constitui o período que vai do princípio dos seus estudos sacerdotais em Barcelona, até à sua eleição para Superior Geral da Companhia de Jesus, recentemente aprovada por Paulo III.

É toda uma vida nova para o convertido de Loiola, que depois da visita à Terra Santa, resolve estudar para ser sacerdote e trabalhar

no serviço de Deus. Não o podendo conseguir bem na Espanha, vai para Paris e entre os universitários da Sorbona conquista os primeiros companheiros que compartilham o seu ideal de pobreza, de castidade e de apostolado na Terra Santa, ou não podendo fazê-lo aí, realizá-lo em qualquer parte a que os quiser enviar o Sumo Pontífice.

Nestas primeiras Cartas ainda prevalece o encanto do mais antigo, e constituem quase um comentário da Autobiografia.

Na *segunda*, faz-se uma selecção do mais espiritual, tendo em vista a finalidade da leitura, que pretende ser uma ajuda para penetrar melhor como o próprio santo vivia a espiritualidade dos Exercícios.

Na *terceira parte*, poderemos ver nas Cartas a aplicação que ele fazia dos seus *Exercícios* ao apostolado, a saber, às empresas julgadas por ele da maior glória de Deus.

O conteúdo das cartas desta terceira parte é muito *heterogéneo*, desde o breve e curioso bilhete a um amigo, até longas e minuciosas instruções dadas aos padres enviados ao Concílio de Trento ou à Alemanha; desde as que tratam de assuntos privados, às mais oficiais e protocolares, dirigidas a alguma autoridade política ou eclesiástica.

Por outro lado, poderíamos reduzir a três grupos que se salientam nesta terceira parte: *o serviço da Igreja, o amor à Companhia e a política social e religiosa de Santo Inácio.*

CONCLUSÃO

As cartas exigem uma leitura atenta e repetida. Seria de lamentar ler de maneira rápida e superficial, aquele que fez da «repetição» (EE. 62) um método de orar, especialmente apto para «sentir e saborear intimamente as coisas» (EE. 5). O próprio Inácio, por si ou por meio do seu secretário, corrigia-as e tornava a escrevê-las, como já dissemos atrás, e mandava que o mesmo fizessem os seus companheiros. Não

menor cuidado devemos ter hoje ao lê-las, se quisermos compreender textos mais de quatro séculos distantes de nós.

Ao divulgar as cartas de Inácio de Loiola, anima-nos a esperança de que o público de língua portuguesa venha a compreender melhor este homem do século XVI, homem de Deus profundamente equilibrado, porque consciente da sua origem e do seu destino final, cujo pensamento e influência continuam vivos no nosso tempo.

Que estas Cartas possam ajudar principalmente aqueles que se exercitam na espiritualidade inaciana, a cumprir no concreto da vida o ideal que o Senhor lhes mostrou, pelos distintos passos do grande livro, aprovado solenemente por Paulo III e aconselhado por muitos Papas seguintes.

<i>Introdução</i>	7
<i>Siglas e referência bibliográfica</i>	21
I Parte	23
1. A Inês Pascual	25
2. A Martin Garcia Oñaz	27
3. A Isabel Roser	31
4. A Inês Pascual	34
5. A Jaime Cassador	37
6. A Soror Teresa Rajadell	44
7. A Soror Teresa Rajadell	52
8. A João Pedro Caraffa	55
9. Ao Pe. João de Verdolay	60
10. A Diogo de Gouveia	65
11. A Isabel Roser	69
12. Aos Senhores de Loiola	77
13. A Beltrão de Loiola	79
14. A Madalena de Araoz	84
15. A Francisco Bandini	86
16. Aos habitantes de Azpétia	89
17. A Pedro Contarini	94
II Parte	97
18. Ao Pe. João Baptista Viola	99
19. Ao Pe. Simão Rodrigues	101
20. A Teresa Rajadell	103
21. Ao Pe. Nicolau Bobadilha	106
22. A Francisco de Borja	113

23. Ao Dr. Pedro Ortiz	118
24. Aos Padres e Irmãos de Coimbra	120
25. Ao Sr. Dom Manuel Sanches	134
26. Aos Padres e Irmãos de Gandia	137
27. Aos Padres e Irmãos de Pádua	146
28. A Teresa Rajadell	153
29. Ao Pe. André d'Oviedo	156
30. A Francisco de Borja	163
31. Ao Pe. André Iseren	169
32. Ao Pe. António Brandão	171
33. Ao Pe. Urbano Fernandes	181
34. Ao Pe. Francisco Xavier	187
35. Ao Pe. Francisco de Borja	189
36. Ao Pe. Diogo Laínez	192
37. Ao Pe. Diogo Mirão	196
38. Aos da Companhia de Jesus em diversas partes da Europa	199
39. Aos Padres e Irmãos de Portugal	201
40. Ao Pe. Nicolau Floris Goudano	214
41. Ao Infante D. Luís de Portugal	217
42. Ao Pe. Teotónio de Bragança	219
43. A Madalena Angélica Doménech	221
44. Ao Pe. João Baptista Viola	223
45. Ao Pe. Miguel de Nóbrega	227
46. A Bartolomeu Romano	230
47. Modo de tratar ou negociar com qualquer superior	232
48. A Jerónimo Vinhes	234
49. A Afonso Ramírez de Vergara	237
50. Regras do nosso Pai Mestre Inácio	240
III Parte	243
51. Aos PP. Broet e Salmerón	244
52. Ao Pe. Simão Rodrigues	248

53. Ao Pe. Pedro Fabro	253
54. A D. João Bernardo Diaz de Lugo	257
55. A D. João III	260
56. A D. João III	264
57. Ao Pe. Pedro Fabro	268
58. Aos Padres enviados a Trento	271
59. Aos Padres e Irmãos do Colégio de Coimbra	275
60. A D. Fernando de Áustria	277
61. Ao Pe. Miguel de Torres	281
62. Aos Padres enviados à Alemanha	289
63. Ao Pe. Jerónimo Nadal	299
64. Ao Pe. Jerónimo Nadal	301
65. A Dona Joana de Aragão	308
66. Ao Pe. Francisco Xavier	314
67. A toda a Companhia de Jesus	318
68. Ao Pe. Manuel da Nóbrega	320
69. Ao Pe. Gaspar Berceo	323
70. Ao Infante D. Luís de Portugal	328
71. A D. João III	330
72. A Mons. Fernando Vasconcelos	332
73. Ao Pe. Pedro Canísio	334
74. Ao Pe. João Nunes Barreto	344
75. Ao Pe. Melchor Carneiro	350
76. Ao Pe. Simão Rodrigues	352
77. Ao Pe. Luís Gonçalves da Câmara	354
78. Ao Pe. Pedro Ribadeneira	362
79. Aos Companheiros de Portugal	367
<i>Índice</i>	371